

## HELENA SOLBERG

Nas décadas de 60 e 70 o cinema nacional é marcado por produções caracterizadas por posturas mais críticas, de alguns integrantes do espaço cinematográfico, com o intuito de transpor a barreira da desigualdade social, do elitismo e buscando retratar a realidade do país sob uma perspectiva de verossimilhança, despida das ilusões criadas pelo próprio meio.

Este é o chamado Cinema Novo, movimento cinematográfico caracterizado pelas ideias de confronto e rompimento, no qual se destaca a presença feminina de Helena Solberg, a única mulher a dirigir um filme dentro da corrente.

Helena Solberg, durante quase toda sua carreira como diretora, produtora e roteirista, direciona seu foco para o retrato da mulher, ora como ser oprimido, ora pelas suas conquistas, sempre com uma linguagem ideológica, direta e independente. Mas também faz abordagens políticas, sociais, culturais, em discussões importantes sobre contexto da época.

Sua trajetória singular no cinema revela uma produção, que privilegia documentários, que buscavam captar com crítica e reflexividade os movimentos políticos, sociais e culturais que despontavam no Brasil e no mundo, naquele período. Como resultado, apresenta a criação de obras que marcam a cadeia cinematográfica até os dias atuais.

Nascida em São Paulo, ano de 1938, Helena Solberg é filha da brasileira Celina Ribeiro com o norueguês Hans Birger Dimitri Collett Solberg, cuja família era composta, ainda, por mais três irmãos: Pedro Collett Solberg, Ian Collett Solberg e Ruy Collett Solberg.

Desde cedo a literatura ocupou um espaço de grande importância na vida de Helena Solberg, o que permitiu que ela desfrutasse de uma grande paixão pela escrita e a levou ao ingresso no curso de Línguas Neolatinas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 1957.

No meio universitário conheceu Cacá Diegues, Arnaldo Jabor e David Neves, com quem viria, anos mais tarde, a compor o grupo chamado Cinema Novo. Essa relação, somadas às experiências vividas na universidade, despertou o interesse de Helena pelo cinema, ao ampliar sua visão sobre a comunicação, linguagem e tecnologias.

Em 1961 Helena casa-se com o norte-americano James Wright Ladd e muda-se com o marido para Cambridge, nos Estados Unidos, mesmo ano em que nasce, em solo estadunidense, a primeira filha do casal: Isabel Ladd. Ao retornar para o Brasil, em 1963, o casal tem seu segundo filho, Alex Collett Ladd.

A carreira de diretora e produtora de Helena Solberg se consagra em território nacional e internacional, em países como Estados Unidos, Chile, Canadá e Inglaterra. Mas foi em seu retorno ao Brasil, no ano de 1963, que Helena dá início ao seu primeiro e mais emblemático trabalho no cinema, o curta-metragem *A entrevista*, lançado em 1966.

O documentário *A entrevista*, produzido e dirigido por Helena, aborda a condição da mulher na sociedade, o qual considera seus anseios, sonhos, realizações pessoais, medos e discute questões como amor, sexo, casamento, carreira, entre outras.

Para a cineasta, com a produção ela tenta traçar um exame acerca de sua própria formação, a fim de entender sua posição na geração da qual faz parte, incluindo os reflexos de sua classe social, privilégios, ideologias e preconceitos, tudo relacionado a sua condição de mulher na sociedade. A abordagem de rótulos, sonhos, conquistas e frustrações das mulheres entrevistadas, tinham relação com suas próprias emoções e experiências de vida, portanto, a exploração e redescoberta íntima dos temas era compartilhada, inclusive, pela diretora.

O enredo do curta se desenrola em torno das percepções expressadas pelas mulheres entrevistadas, cujas identidades não foram reveladas, apresentadas em voz *over*, enquanto as cenas de Glória Solberg, cunhada da diretora na época, são reveladas em uma espécie de ritual para um casamento no qual ela é a noiva. Enquanto a personagem se veste, penteia os cabelos, faz maquiagem, as entrevistas são reproduzidas, no qual são expressadas insatisfações e angústias, inclusive em relação ao casamento, o que concede um tom irônico à produção.

O filme é analisado, pelo meio crítico, não como uma tentativa de alinhar algum discurso ou verdade ideológica, mas como uma busca pela compreensão dos anseios das mulheres, sob diferentes perspectivas, inclusive da própria Helena.

A presença de Helena Solberg no cinema surge com modernidade, reflexividade, estilo próprio e autonomia criadora. Com o documentário *A Entrevista*, a cineasta toma gosto pelo universo da sétima arte e embarca em uma fase de grandes e importantes produções, para além das fronteiras do Brasil.

Em 1970, em São Paulo, Helena produz sua primeira ficção, o curta-metragem *Meio Dia*. Inspirado na obra *Zero de Condição*, de Jean Vigo, o filme expõe a revolta de alunos em sala de aula, tendo como contexto a vigência da Ditadura Militar no Brasil, iniciada em 1964, somada ao enredo da música *É Proibido Proibir*, de Caetano Veloso, onde os alunos, com espírito de insurreição, organizam um levante em ataque ao período antidemocrático, que permeiam os espaços da escola e ruas.

No ano seguinte, Helena Solberg retorna com sua família para os Estados Unidos, dessa vez em Washington D. C., lugar em que produz o documentário em vídeo *The Closing of Jackson School* (O Fechamento da Escola Jackson), em 1972.

Em parceria com Melanie Maholick, Christine Burrill, Dolores Neuman, Janne Stubbs, Suzanne Fenn e Lisa Jackson, Helena Solberg funda o *International Women's Film Project*, em Washington, organização independente cujo objetivo era a produção de documentários a serem produzidos pela diretora e que seriam viabilizados por fundações estadunidenses e outras estrangeiras.

O coletivo, inicialmente, dá vida ao documentário *The Emergig Woman* (A Nova Mulher), em 1974, cujo enredo retrata os 170 anos de história do movimento feminista dos EUA, partindo do ano de 1800 até o ano de lançamento. A temática do filme se estende pela América Latina, em países como Argentina, México, Venezuela e Bolívia.

No ano de 1976, a produção é escolhida pela Comissão Bicentenária Americana como filme oficial das celebrações que homenagearam os eventos históricos da independência dos Estados Unidos, por trazer o retrato de parte da história da nação.

Na sequência, a cineasta dirige seu primeiro longa-metragem, o documentário *The Double Day* (A Dupla Jornada), de 1975, oportunidade em que viaja com sua equipe para América do Sul, a fim de produzir o material para o filme. A produção é considerada, por pesquisadores, como o primeiro documentário latino-americano que retrata os ideais feministas, pois discute, sob a perspectiva de países subdesenvolvidos, as relações de trabalho e família em que as mulheres estavam inseridas.

No ano de 1977 é a vez do documentário *Simplesmente Jenny*, que surgiu a partir do material bruto do filme *The Double Day*, o único da trilogia que apresenta o estilo de Helena, no qual, com tempo e liberdade a seu favor, a cineasta pôde misturar análises históricas e poesia. O filme retrata a exploração sexual infantil na América Latina, relacionada com a objetificação da mulher vendida pela mídia, tendo conquistado premiação no Festival de Cinema Americano, em 1978.

As três produções da organização *International Women's Film Project* formam a chamada Trilogia da Mulher, obras por meio das quais Helena, juntamente com o grupo, abordam questões feministas do período, como violência contra as mulheres, exploração sexual e do trabalho, direitos sufragistas, padronização estética, entre outras questões.

A Trilogia da Mulher se desenvolve no auge da popularização da ideologia feminista e busca, no contexto do período, discutir as questões trazidas pelo movimento, que afligiam mulheres em diversas partes do continente americano, sobretudo nos países subdesenvolvidos.

Finalizadas as produções, Helena Solberg passa por um profundo período de autorreflexão, no qual considera estereótipos que foram colocados em sua atuação profissional, como a mulher feminista em oposição à diretora de cinema, como se ambas não pudessem coexistir em razão de uma falsa imparcialidade. O rótulo preocupou a cineasta, que temeu ter seu trabalho vinculado sempre às tais ideologias, sem margem para novas discussões ou para novos horizontes.

Apoiada nestas discussões, após 4 anos de produções, a cineasta se muda com sua família para Nova Iorque, no ano de 1981, em busca de novas perspectivas profissionais. Inicia, assim, um período de trabalhos voltados à investigação de conflitos na América Latina e Central, relacionados com a interferência política dos EUA, em pleno contexto de Guerra Fria.

Neste momento, Helena produz uma série de documentários com uma roupagem jornalística e investigativa, que foram viabilizados e exibidos na Rede Pública Nacional de Televisão, a PBS (Public Broadcasting Service), são eles: *From the Ashes... Nicaragua Today* (1982); *The Brazilian Connection* (1982); *Chile: By Reason or By Force* (1983); *Chile: By Reason or By Force* (1985); e *Home of The Brave* (1986).

O documentário *From the Ashes... Nicaragua Today* (Nicarágua Hoje) marca o início da parceria entre Helena e o produtor estadunidense David Meyer, com quem viria a ter um relacionamento posteriormente. O filme surge a partir da insatisfação da diretora com a cobertura que a mídia estadunidense faz dos conflitos políticos da América Central.

Assim, o filme retrata a história da família nicaraguense Chavarría, no qual a maioria de seus membros são mulheres, a fim de compreender a Revolução Sandinista no país, o que faz do filme um dos mais relevantes de sua trajetória.

A produção recebe, entre outros, o prêmio National Emmy Award for Outstanding Background Analysis of a Current Story, no ano de 1983, mesmo período em que se separa de seu marido James.

Ainda em 1982, produz o documentário *The Brazilian Connection* (A Conexão Brasileira), cujas filmagens ocorreram tanto em solo americano, quanto brasileiro. O filme conduz o espectador pela história do Brasil, perpassando pelos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, quedando-se na instauração da ditadura com o golpe militar de 1964, o qual conta com

entrevistas de políticos, economistas e outros especialistas, a fim de retratar o período turbulento ainda em vigência no país.

No ano de 1983, no Chile, a cineasta produz, também em parceria com David Meyer, o documentário *Chile: By Reason or By Force* (*Chile: Pela Razão ou pela Força*), o qual recebe a premiação de melhor documentário do festival Nacional de Cinema Latino em Nova Iorque. Nas filmagens, a equipe da cineasta faz a cobertura do 10º aniversário de governo do General Augusto Pinochet, em busca de examinar o período de ditadura experimentado pelo país.

No ano de 1985, produz no Brasil o documentário *Portrait of a Terrorist* (*Retrato de um Terrorista*), o qual trata de sucessivos atentados terroristas contra cidadãos e instituições norte-americanas ao redor do mundo. O filme está centrado na história do sequestro de Diego Asencio, embaixador americano para o Brasil, sequestrado por Fernando Gabeira, perpassando pelas relações internacionais dos Estados Unidos com países da América Latina.

Em 1986 produz o documentário *Home of The Brave* (*Berço dos Bravos*), que recebe o prêmio Blue Ribbon Awarde no Festival de Cinema Americano. A produção trata de diálogos entre povos indígenas de todo o mundo, no qual a equipe convive por uma semana com uma família de nativos Navajo, no interior dos Estados Unidos, centrado nas atividades cotidianas da índia Katherine Smith.

As produções da fase política de Helena foram marcadas por traços específicos. Primeiramente o curto espaço de tempo entre uma obra e outra, bem como as interferências editoriais que a PBS, instituição financiadora, fazia para o material, em razão da condição de exibição televisiva nos EUA. Entre as exigências, destaca-se a linguagem dos filmes, a necessária apresentação de pontos de vista distintos durante o enredo, além da presença de jornalistas de renome, a fim de que fosse conferida credibilidade.

No ano de 1988 produz o documentário *Made in Brazil*, no Canadá, por meio da National Film Board, em desenvolvimento de um projeto da organização, que consistia em retratar o país de origem de 5 diretoras de países diferentes, sob a condição da mulher.

No documentário, Helena retrata a história de mulheres que tomaram conta da cidade de Santa Cruz do Capiraibe, em Pernambuco, com uma indústria de costura de fundo de quintal. O sucesso das produções atingiu grandes patamares, que abalaram as figuras masculinas da cidade, momento em que os bancos apenas concediam financiamentos para estas mulheres.

No ano de 1990 produz *The Forbidden Land* (*A Terra Proibida*), com o apoio do National Film Board, cujo enredo se detém sobre a relação conflituosa entre a igreja conservadora da

libertação e a questão dos trabalhadores da terra, que também foi exibido em cadeia nacional pela PBS.

Com *The Forbidden Land*, Helena Solberg encerra a fase de retrato da política latino-americana em suas produções, de modo a embarcar em uma nova fase de sua incrível carreira.

A primeira produção desse novo ciclo foi o documentário *Carmem Miranda, Bananas is My Business* (*Carmem Miranda, Meu Negócio é Bananas*), em 1994, que contou com o apoio do Channel 4 Television, da Inglaterra, além da Rádio Televisão Portuguesa, PBS e RioFilme do Brasil.

A produção, que também marcou a retomada do cinema brasileiro, é premiada em vários festivais internacionais, inclusive no Brasil, no qual, no Festival de Brasília, recebe quatro prêmios como o melhor filme pelo Júri Popular e Prêmio Especial do Juri.

No filme, a cineasta retorna à temática feminina, ao contar a história da artista luso-brasileira Carmem Miranda, em sua contribuição cultural e artística para o Brasil e o mundo, cujas influências são sentidas até os tempos atuais.

O documentário aponta Carmem Miranda como uma das primeiras intérpretes do samba, responsável por levar o gênero musical e a música popular brasileira para o mundo. Além disso, em segundo plano, Helena Solberg discute a relação entre Estados Unidos e Brasil, no período da Segunda Guerra Mundial, apesar da instabilidade, os países cultivaram a política de boa vizinhança.

Em 1997 produz o documentário *Brazil in Living Colours* (*Brasil em Cores Vivas*) para o canal inglês Channel 4. Sua última produção em solo internacional, no qual retrata a situação da revista *Raça*, cuja criação foi direcionada ao público negro brasileiro, fundada pelo jornalista Aroldo Macedo em 1996.

O documentário retrata a discussão que permeava intelectuais do período, ao levantarem a questão de que a revista não teria público, sob a justificativa de que o povo preto brasileiro não tivesse hábitos de leitura, tampouco participasse de questões culturais. Contudo, para a surpresa de muitos, o lançamento da revista contrariou todas as expectativas e foi um sucesso absoluto.

Ao todo a diretora permanece nos Estados Unidos por 3 décadas. Este período foi essencial para a formação de seu trabalho, o amadurecimento de seu olhar como cineasta, além de ter sido

marcante para a produção de grandes obras que levaram as questões da América Latina e América Central para dentro do país.

Helena Solberg alcançou patamares produtivos, com crítica, reflexividade e intelectualidade, além de uma liberdade produtiva que foi privilégio de poucos nesse período, sobretudo profissionais femininas.

No ano de 2003 retorna sua residência para o Brasil, juntamente com o então marido David Meyer, no qual fundam a companhia Radiante Filmes. Por meio da companhia, os diretores filmam o primeiro longa-metragem de ficção de Helena, o *Vida de Menina* (2004), na cidade de Diamantina, em Minas Gerais, baseado no diário de Alice Dayrell Caldeira Brant, publicado pela primeira vez, no Brasil, em 1942.

O longa recebe cinco prêmios Kikitos de Ouro, no Festival de Gramado e retrata a narrativa de parte da vida de uma jovem, a partir dos escritos de seu diário, no qual vivenciou grandes transformações políticas, econômicas e sociais do Brasil, tais como o fim da Monarquia, a Proclamação da República, a abolição da escravidão, além do esgotamento das jazidas de diamantes em sua cidade, Diamantina, fato que provocou a decadência e o empobrecimento de várias famílias, inclusive da própria personagem.

Com o filme, Helena Solberg restaura a relação com obras escritas, lembrando sua paixão pela literatura, o que vai lhe acompanhar pela próxima obra: *Palavra (En) cantada*.

No ano de 2009, também por meio da companhia Radiante Filmes, a diretora lança o documentário *Palavra (En) cantada*, com as participações de dezoito músicos e pensadores brasileiros, tais como Chico Buarque, Adriana Calcanhoto, Maria Bethânia, Tom Zé, Arnaldo Antunes, Martinho da Vila, entre outros grandes nomes.

O filme propõe uma relação íntima entre a poesia e a musicalidade brasileira, no intuito de traçar um panorama da música popular no país. Neste cenário, retrata épocas importantes como o samba e a canção nos anos de 1930, os antecedentes da bossa nova, o tropicalismo, o rock nos anos de 1980, o rap e a cultura de rua a partir da década de 90, além da diversidade de estilos que reside na música popular brasileira contemporânea.

O filme, que marca o retrato da história da música brasileira e de seus cancioneros, sob a perspectiva dos próprios artistas que fizeram a composição dessa trajetória, é consagrado com o prêmio de Melhor Direção no Festival Internacional do Rio de Janeiro.

Já no ano de 2013, Helena Solberg e David Meyer retornam a um projeto iniciado há mais de 10 anos pelo casal, cujo resultado é o documentário *A Alma de Gente*, que busca o retrato do projeto *Corpo de Dança da Marés*, voltado à acompanhar jovens moradores do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. O enredo mostra a seleção dos jovens para um espetáculo de dança sob o comando do coreógrafo Ivaldo Bertazzo, em um processo que incorporava as experiências cotidianas na Maré, relatadas pelos próprios dançarinos.

Em sua mais recente produção, a cineasta lança o documentário *Meu Corpo Minha Vida*, de 2017, o qual trata sobre a questão do aborto no Brasil, a partir da história de Jandyra dos Santos, vítima fatal de um procedimento em uma clínica clandestina em Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Helena Solberg deixa sua marca registrada no cinema com 18 obras ao todo, sendo 16 documentários e 2 obras de ficção científica, valiosas não apenas pelo conteúdo e arte, mas pela composição e estilismo herdados da artista.

Sem nunca ter deixado a abordagem crítica, Helena conseguiu transitar entre diferentes espaços, como o da mulher, juventude, política latino-americana, história brasileira, música, entre outros, trabalhos estes consagrados como tesouro do Brasil e toda a América.

Sua postura genuína, aliada à sensibilidade, vanguardismo e ousadia, agregaram singularidade e ineditismo ao seu trabalho, o que denota a brilhante participação da mulher no espaço cinematográfico, como agente fundamental da evolução do cinema.